



“Corromper com dinheiro sonegado é prática corriqueira.”

José Paulo Kupfer
COLUNISTA DE “O ESTADO DE S. PAULO”
Analisando a corrupção no Brasil

“Ter vontade de aprender é a máquina que move o conhecimento.”

Rogério Tuma
NEUROLOGISTA
Sobre as dificuldades do aprendizado

Um evento para registrar a importância do rio São Francisco

Gilda de Castro
Antropóloga
www.gildadecastro.com.br

A comovedora Festa dos Santos do Rio em Januária

Em 2001, celebramos os 500 anos da descoberta do São Francisco, por Américo Vesúcio e André Gonçalves. Os januarenses, orgulhosos da presença desse colosso fluvial em seu espaço, criaram, sob a liderança de Sônia Aquino (Sesc Laces), um evento inspirado na sua religiosidade para registrar sua importância histórica, ambiental e econômica. Denominaram-no Festa dos Santos do Rio, que se inseriu no calendário da cidade, no dia 4 de outubro ou no sábado mais próximo, porque seus objetivos eram nobres e integravam-se plenamente ao cotidiano de uma comunidade

de pescadores. Eles estavam recuperando uma cerimônia que era realizada entre os anos 50 e 60, no dia 29 de junho, em homenagem a São Pedro. Consistia, então, de uma missa campal na Coroa, um banco de areia móvel que ficava próximo à margem direita do rio, onde havia um cruzeiro. Os fiéis iam, depois, em procissão até a igreja de Santa Cruz, templo daqueles profissionais.

Na festa atual, os pescadores enaltecem suas tradições e reverenciam os santos que os protegem dos constantes reveses, enquanto garantem o sustento da família. Querem também conscientizar a popu-

lação sobre a necessidade de preservar seu melhor patrimônio natural, alertando quanto à redução do volume e da qualidade da água do Velho Chico. Lembram que, naquele tempo, era possível “pegar os peixes com as mãos”, embora estivessem expostos a muitos riscos, como naufrágio, afogamento, encalhe nos bancos de areia, tempestades e ataques do caboclo-d’água ou outros seres míticos que habitam o fundo do rio. Acreditam, portanto, que devem rezar bastante, suplicando a intercessão de seus protetores junto a Deus. Como o rio está mingando, esse evento grandioso em torno dele é importante e louvável.

São três procissões: a primeira é da padroeira, Nossa Senhora das Dores, que é conduzida em andor por homens uniformizados a partir da catedral. A segunda sai do convento das freiras franciscanas com uma imagem de São Francisco, sendo acompanhada por músicos que se vestem como aquele santo. A terceira é mais emocionante, porque a imagem de São Pedro, padroeiro dos pescadores, é instalada em um barco que desce o rio, desde Pedras de Maria da Cruz, seguido por fiéis que lotam outras cem embarcações iluminadas por velas.

O encontro dos participantes acontece na praia formada pelo re-

cuo do Velho Chico, decorrente da drástica redução de seu volume nos últimos anos. Ali ficava, nos melhores tempos da hidrovía, o porto que recebia os vapores e outras embarcações. Assistem à missa campal celebrada pelo bispo, dom José Moreira da Silva, e participam, em seguida, de cantorias com violas e apresentações folclóricas. Muitos fiéis portam estandartes para expressar sua devoção. Um show pirotécnico confere mais brilho ao evento rotulado pelos januarenses como “romaria das águas”, pois mantém especial apreço pelo Velho Chico, afirmando que têm esse rio dentro d’alma.

Salò, Portugal e Brasil

Beto Vianna
Linguista
www.biolingua.com

Os quartéis de abril

“Salò ou os 120 dias de Sodomia”, do cineasta Pier Paolo Pasolini, gira em torno do número quatro. A trama se passa na moribunda Itália fascista de 1944. Nos quatro segmentos do filme, quatro donos do poder (o banqueiro, o nobre, o bispo e o juiz) violentam 16 jovens (oito mulheres e oito homens), escudados por oito colaboradores. Quatro deles são soldados.

Em 25 de abril de 1974, cai a ditadura portuguesa com o empurrão decisivo dos militares, os “capitães de abril”. Dez anos antes, em abril de 1964, os quartéis também haviam sido instrumentais, mas no caminho inverso, instalando no Brasil um regime ditatorial que pouco deve a Pasolini no bestial de perversões carnavais: torturas, assassinatos, sumiços e, para os povos indígenas, o suprassumo do horror, o genocídio.

Talvez eu abuse da mística dos números, mas penso que a simbologia de “Salò” ajudaria a entender uma diferença crucial entre aqueles dois eventos ocorridos no quarto

mês do ano quatro: o papel dos militares.

Os militares da Revolução dos Cravos eram oficiais combatentes na guerra colonial. As reivindicações, inicialmente corporativas, principalmente ligadas às condições das tropas no conflito, logo se estenderam à crítica ao regime, que incluía a solução política para a independência na África e, internamente, uma articulação com vários (e antagônicos) setores da sociedade portuguesa, numa pauta eclética que ia da reforma liberal à agrária, da democratização a profundas mudanças sociais.

O movimento das Forças Armadas derrubou a ditadura de braços dados ao povo português e reproduzia seu leque de interesses. Partidos de esquerda, como o PCP, o MDC-CDE, os vira-folhas socialistas e a própria direita contavam com capitães de abril em seus quadros, e o jogo aberto pelo fim da ditadura deu um início turbulento ao processo revolucionário. Entre os radicais estava o capitão Otelo Saraiva de Carvalho. Preso em 1975, um ano depois disputava as eleições

presidenciais com Ramalho Eanes, conservador, general do Exército e primeiro presidente democraticamente eleito após 40 anos de fascismo português.

Em abril de 1964, o povo brasileiro não foi às ruas oferecer cravos vermelhos aos militares, e estes não se miravam no espectro político da sociedade (até políticos que haviam apoiado o golpe tiveram seus direitos cassados). Leis cada vez mais autoritárias calaram a vida democrática e, a exemplo do fascismo europeu, abriram caminho para todo tipo de negócios suspeitos que, da noite para o dia, enriqueceram (poucas) famílias e criaram impérios mercantis. Veja as empresas de comunicação. É desses líderes subterrâneos, e não nos quartéis, que os oficiais brasileiros de abril recebiam ordens.

Na última cena de “Salò”, após servirem seus patrões no bacanal de corrupção da carne, os soldados dançam uma valsa. Os portugueses (que, como nós, passam por dificuldades) não querem nunca mais ouvir falar desse fado.

O “barco” Minas Gerais tem capitão

Odair Cunha
Secretário de Estado de Governo de Minas Gerais

Aviso aos navegantes

Aviso aos navegantes que insistem em tentar provocar marolas e semear falsas tempestades: Minas Gerais tem um governador democraticamente eleito pela maioria da população já no primeiro turno, ele se chama Fernando Pimentel e está governando.

Vale aqui uma pequena explicação sobre os motivos pelos quais iniciei este artigo dessa forma pouco usual: recentemente, um representante das forças políticas derrotadas que governaram Minas Gerais até o ano passado ocupou espaço neste jornal para pedir a Pimentel que parasse de remexer o passado e começasse a governar.

Essas forças parecem especialmente incomodadas com o “Diagnóstico MG”, um retrato fiel da triste realidade do Estado encontrada por Pimentel. Estão ali o déficit bilionário nas contas públicas, a falácia do choque de gestão, as obras paradas, a educação e a saúde sucateadas, a segurança desmontada. O diagnóstico foi divulgado pelo atual governo no início de abril, fato que, aparentemente, desestabilizou e levou ao desespero

as forças do passado, que certamente prefeririam o silêncio do governador.

Ora, essas forças ainda não perceberam que os tempos mudaram. Minas Gerais não é mais uma capitania hereditária dos tempos coloniais nem um curral eleitoral comandado por coronéis. O único e legítimo dono de Minas é o povo mineiro. É para esse povo que Fernando Pimentel governa, e não para os coronéis do passado.

Fernando Pimentel foi eleito com o compromisso firme de ouvir para governar. Ouvir significa estabelecer canais efetivos de diálogo com toda a sociedade, e não apenas com os amigos do rei. Como governador, tem o dever e a responsabilidade de apresentar aos mineiros a realidade que encontrou e construir parcerias eficazes para buscar soluções que recolorem o Estado na rota do desenvolvimento social e econômico. É compreensível que tais conceitos soem estranhos a ouvidos mais acostumados ao coronelismo.

É também de se estranhar que essas mesmas forças, cujo principal legado aos

mineiros em 12 anos de gestão foi o gasto de quase R\$ 2 bilhões numa Cidade Administrativa que, ainda hoje, ao contrário do que foi propagandeado, continua sugando recursos públicos, peçam ao governador que pare de mexer no passado e olhe “para a frente”. Ora, do que têm medo? O que se esconde no passado que não pode ser vasculhado? “O futuro o governo pode construir. O passado nenhum governo pode mudar”, disse uma liderança das forças derrotadas. É verdade. Quisera ser possível mudar o passado e, assim, evitar o caos e o colapso que encontramos. Mas, se o passado não pode ser mudado, pode servir de aprendizado e exemplo de como não se deve governar.

Fiquem tranquilos, senhores do passado. O “barco” Minas Gerais tem capitão, e ele está no leme para conduzir a travessia, que será feita com serenidade e segurança. Mas não é um capitão solitário. Junto a Pimentel, no leme, estão também as mãos de milhões e milhões de mineiros.

O TEMPO

ENDEREÇOS
Sede Comercial
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920
Web.: www.otempo.com.br
e-mail: comercial@otempo.com.br

Redação e Industrial
Avenida Babita Camargos, 1.645
Cidade Industrial, Contagem - MG
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

SERVIÇOS EDITORIAIS
The New York Times

AGÊNCIAS NOTICIOSAS
France Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
0800-703-4001 (interior)
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)

Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h
E-mail: atendimento@otempo.com.br

FILIADO À ANJ
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br

IVZ
FILIAL DO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG
(consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00	R\$ 246,00	R\$ 123,00
à vista ou:	à vista ou:	à vista
2 x R\$ 246,00	2 x R\$ 123,00	
3 x R\$ 164,00	3 x R\$ 82,00	
4 x R\$ 123,00	4 x R\$ 62,00	
6 x R\$ 82,00		

ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

SÃO PAULO / RIO DE JANEIRO / ESPÍRITO SANTO
Fabiano Guerra
Gerente de Mercado Nacional
e-mail: fabiano.guerra@otempo.com.br

BRASÍLIA
Buena Comunicação - SRTVS - Quadra 701 - Bloco O
- Conj. 896 - Edifício Centro Multiempresarial - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000
Fone/fax: (61) 3223-6999 - (61) 8179-7215
E-mail: daniela.bueno@buena.comunicacaodf.com.br e fbueno@buena.comunicacaodf.com.br